

## SINGULARIDADES: O MÉTODO ETNOGRÁFICO E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM COLETIVO

MARTHA RODRIGUES FERREIRA<sup>1</sup>; CAMILA MACHADO RAMOS DE CASTRO<sup>2</sup>;  
LOUISE PRADO ALFONSO<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [martharof@hotmail.com](mailto:martharof@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas- [camilamachadorc@gmail.com](mailto:camilamachadorc@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [louiseturismo@yahoo.com.br](mailto:louiseturismo@yahoo.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende apresentar discussões realizadas no âmbito do Projeto de Pesquisa *Margens: Grupos em Processos de Exclusão e suas Formas de Habitar Pelotas*, desenvolvido no Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), que conta com o apoio da FAPERGS. Também traz para debate minhas reflexões enquanto bolsista de iniciação científica do projeto. O Margens articula ensino, pesquisa e extensão, a partir das ações de três projetos de extensão vinculados a ele: o Projeto *Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de Etnografia Coletiva para Antropólogos/as em Formação*, o Projeto *Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas* e o Projeto *Mapeando a Noite: O Universo Travesti*. Os debates e ações dos projetos são analisadas no âmbito de diversas disciplinas do Bacharelado em Antropologia como: Patrimônio Cultural, seminários especiais, entre outras.

O projeto Margens realiza diversos eventos e exposições desde 2016, apresentando os projetos e visando criar um diálogo com a comunidade que habita e constrói a cidade de Pelotas. No ano de 2019, aconteceram edições do Evento anual *Cidades em Transe* e a Montagem de uma exposição durante as comemorações do Dia do Patrimônio. Acreditamos que estes eventos, além da divulgação científica, propicia a divulgação, valorização e legitimação das narrativas e lutas destes grupos em processos de exclusão e invisibilidade.

O evento *Cidades em Transe* em 2019 teve como tema *Cotidianos em Conexão*, que contou com rodas de conversa e oficinas junto às comunidades parceiras, as ações desenvolvidas foram: *Conversas sobre Comidas e Orixás: Um Piquenique no Mercado Central*; *Bruxas e Pombas-Giras: A Construção da Mulher como Mal no Ocidente*; *Devassos no Paraíso, Bichas e Putas em um País Tropical: Discutindo Arqueologias e Sexualidades*; e a *Roda de Chimarrão no Passo dos Negros*.

Neste ano, fizemos a curadoria e montagem de uma nova exposição intitulada *Patrimônios Invisibilizados: Para além dos casarões, quindins e charqueadas*, que ocorreu na Bibliotheca Pública durante o mês de agosto, como parte das comemorações do Dia do Patrimônio, importante evento da cidade organizado pela Secretaria Municipal de Cultura.

Por acreditar em uma construção do conhecimento em coletivo todos os eventos planejados são pensados em grupo, a partir das demandas das comunidades. Para Michel Agier “a cidade é feita essencialmente de movimento”, o projeto Margens segue nesta mesma perspectiva pensando e lutando por uma cidade construída por e para todos/as, uma cidade movimento, que pulsa, vibra e

é múltipla. É a partir deste conceito de cidade que nossas ações são planejadas e debatidas com os grupos interlocutores dos projetos de extensão.

A partir de uma equipe multidisciplinar, que envolve discentes das áreas de antropologia, arqueologia, arquitetura, artes visuais, cinema, geografia, história, ciências sociais, turismo, entre outras, produzimos etnografias sobre o planejamento e sobre as ações junto às comunidades. O método antropológico de pesquisa, que segundo Peirano (2014) não é apenas um método, pois o fazer antropológico em campo envolve saberes teóricos, podendo construir a relação com as teorias a partir da experiência vivida. Buscarei aqui exemplificar como, a partir de etnografias coletivas dos projetos de extensão, podemos entender de forma mais completa a cidade, como os grupos e comunidades trabalhadas interagem entre si, as dinâmicas de conflitos e, como constroem a cidade em seus cotidianos.

## 2. METODOLOGIA

Esta reflexão provém da necessidade de explorar um campo, além de multidisciplinar, construído em coletivo dentre diversos pesquisadores e, principalmente, com as comunidades e grupos trabalhados que fazem a cidade (AGIER, 2015), buscando entender e relativizando as diferentes perspectivas e vivências.

Parar para aprofundar as reflexões sobre o método que temos utilizado para nossas ações, as etnografias coletivas, surgiu do apontamento da Antropóloga Ana Luiza Carvalho da Rocha, professora na FEEVALE, que em uma roda de conversa do evento *Pré-RAM: Cidades Vividas: As Políticas de Patrimônio e a Questão Urbana no Sul do Sul*, também organizado pelo projeto. A pesquisadora atentou a equipe Margens sobre a necessidade de escrevermos sobre a metodologia de etnografias coletivas que temos desenvolvido desde 2014, a princípio no Projeto de extensão *Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de Etnografias Coletivas para antropólogos/as em formação*, depois se estendendo aos outros projetos.

A discussão apresentada aqui se desenvolverá de forma a apontar os possíveis resultados na produção e aplicação do método antropológico em coletivo, demonstrar como as etnografias coletivas podem nos auxiliar a dar conta dos estudos urbanos.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O método antropológico, a etnografia, baseada em Roberto Cardoso de Oliveira (2006) é “Olhar, Ouvir e Escrever”, onde o/a antropólogo/a, a partir de observações e conversas com seus/suas interlocutores/as, busca compreender as relações humanas. Escrevendo, o mais detalhadamente possível, sobre suas experiências em campo, para que estas não se percam nas memórias do pesquisador, buscando assim dar conta da amplitude das relações humanas, dentro de grandes ou pequenos grupos.

“há lugar, diante desta cidade “desfeita” e neste momento de crise urbana, para a imaginação e a representação de uma cidade que seja o resultado da descrição da cidade pelo antropólogo, e que tenha alguma chance de ser mais verdadeira que aquela produzida ou levada em consideração pelas abordagens quantitativas, as representações gráficas e as políticas urbanas. É

o que denominei cidade bis (...) Ao falar em cidade bis, eu quis dizer que era possível “desenhar” uma cidade múltipla, partindo do ponto de vista das práticas, das relações e das palavras dos cidadãos tais como o próprio pesquisador as observa, as coleta e anota, direta e situacionalmente, e que esta cidade não é menos real que aquela dos urbanistas ou dos administradores. É outra” (AGIER; 2015; p.4)

Michel Agier refere-se como *cidade bis*, a essa cidade “múltipla”, partindo das práticas, das relações e das narrativas dos cidadãos, assim é construído o método antropológico, onde cada pesquisador observa e etnografa. No projeto Margens não é diferente, cada membro da equipe dentro de suas pesquisas coleta e produz seus trabalhos, abrindo e compartilhando suas pesquisas no grande grupo, para assim poder auxiliar e complementar outras pesquisas. Sendo esta também, a forma como o grupo Margens entende a cidade e sua construção, em coletivo, onde cada indivíduo a partir de suas singularidades e perspectivas complementa (assim construindo e fazendo) a cidade.

Com uma equipe formada por arquitetos, geógrafos, arqueólogos, artistas visuais dentre outros, as formas de pesquisa, de pensar, de viver, de olhar e experienciar a cidade são distintas. Assim nossas visões sobre cada grupo são diferentes e complementares.

Na exposição realizada na Bibliotheca Pública, foi possível evidenciar essas múltiplas visões e formas de construir de cada grupo. Os módulos da exposição tiveram como intenção mostrar as diversas formas de habitar e fazer Pelotas destacando outros patrimônios para a cidade, que representam estes grupos que não são visibilizados nas narrativas oficiais.

No módulo do projeto Passo dos Negros, procuramos contar as narrativas que constroem a comunidade e fazem dela um patrimônio para a cidade. Assim como houveram pessoas que se identificaram com o local, que conheciam a comunidade ou até mesmo cresceram ali, houveram aqueles que não entendiam os significados destes outros patrimônios apresentados, em alguns casos fazendo comentários como “isso não deveria estar aqui” ou “não deveria ter vindo”. Entendemos que todas estas reações são formas de pensar a cidade e demonstram como ela é múltipla.

No projeto Terra de Santo contamos as outras perspectivas que os patrimônios pelotenses possuem para as religiões de matriz africana. Além destas outras compreensões dos bens já valorizados, também apresentamos outros lugares e elementos que são importantes para os povos de terreiro. Já no módulo do projeto Mapeando a noite, levamos as narrativas das trabalhadoras femininas, como as trabalhadoras sexuais, doceiras, costureiras e trabalhadoras domésticas, assim como, sobre a comunidade LGBTQI+, mostrando como, a partir das perspectivas delas, elas constroem e movimentam a cidade nos seus cotidianos.

Durante a mediação da exposição, era possível perceber as diferentes narrativas sobre os mesmos temas, quando por exemplo, por vezes se escutava que em Pelotas haviam diversos lugares para o público LGBTQI+, mas em outras narrativas haviam pessoas que afirmavam que em Pelotas nenhum lugar é voltado para este público ou que não é homofóbico. Ou quando no módulo do Passo dos Negros, onde contamos sobre os processos de higienização, especulação imobiliária e gentrificação que a comunidade está passando, ouvimos críticas às políticas públicas que não dão, de certa forma, auxílio para a comunidade. E, em alguns momentos, não tivemos nem a oportunidade de

dialogar com os visitantes, ouvimos comentários desagradáveis e olhares de desdém sobre a equipe e sobre a exposição, como no módulo do projeto Terra de Santo, quando uma mulher ao ver os objetos de religiões de matriz africana dirigiu-se para uma das mediadoras e disse que teria de voltar para a exposição de cima da bibliotheca, por não se sentir confortável com a exposição, enquanto sua amiga que a acompanhava ria ao olhar os banners dos módulos.

Estas diferentes narrativas, atitudes e perspectivas sobre a mesma temática demonstram como cada pessoa experiencia a cidade de forma diferente, como essa cidade é múltipla e complementar, sendo movimentada no dia a dia pelas singularidades de cada grupo e pessoa. Também demonstram os conflitos entre grupos e narrativas, os embates na construção desta Cidade Virtual, proposta por Agier (2015).

Os projetos de extensão vinculados ao Margens realizam reuniões semanais e quinzenais, nas reuniões são debatidos os resultados de cada projeto de extensão, avaliadas e planejadas as ações. Após os eventos, como as rodas de conversa e oficinas, são feitas as avaliações e a partir destes debates são gerados diversos trabalhos, artigos, ou complementam trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses de doutorado.

Todos estes trabalhos desenvolvidos são compartilhados com o grande grupo da equipe Margens, de forma em que seja possível compartilhar opiniões e experiências, levando em consideração os trabalhos já desenvolvidos sobre os temas e todos os seus atravessamentos por outros trabalhos e áreas.

#### 4. CONCLUSÕES

O projeto Margens vem estudando e construindo as cidades junto à grupos que sofrem processos de exclusão, a partir das demandas dos próprios grupos e comunidades, por acreditar em uma cidade múltipla onde todos/as têm direito de habitar e se ver representados, onde as individualidades constroem a já mencionada, cidade bis.

Se a cidade não é construída “só”, como poderia apenas um pesquisador dar conta de toda sua amplitude, mesmo dentro de algum grupo muito limitado, ou do mais específico recorte feito dentro de um trabalho de campo ou do mais singular objeto de estudo?

Este trabalho como fruto de uma pesquisa que ainda está em estágio inicial, compreendo que os estudos sobre metodologia coletiva ainda precisem ser desenvolvidos, principalmente um método coletivo que seja aplicado ao estudo das cidades.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, Michel. **Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro.** Mana vol.21 no.3 Rio de Janeiro Dez. 2015
- OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo. 3ª ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- PEIRANO, Mariza. “Etnografia não é método”. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 20, n. 42, jul/dez. 2014. (pp. 377-391)